

# Riscos de guerra em missões de paz

## **O urânio empobrecido e o Síndrome dos Balcãs**

Cristiana Bastos e Ana Delicado

# Metodologia

- ◆ Análise documental
- ◆ Análise de imprensa
- ◆ Entrevistas (cientistas)
- ◆ Debate com intervenientes no caso  
(Setembro 2003)

# Cronologia do caso

- ◆ Dezembro 2000 – surgimento das primeiras notícias
- ◆ Janeiro 2001 – missão científica, intenso debate político
- ◆ Fevereiro 2001 – resultados provisórios ITN
- ◆ Abril 2001 – relatório final ITN
- ◆ Agosto 2001 – relatório do rastreio médico
- ◆ Janeiro 2002 – relatório da Comissão Parlamentar

# Definições do risco

- ◆ A causa do risco: urânio empobrecido
- ◆ O efeito do risco: Síndrome dos Balcãs
- ◆ Dimensão simbólica

# Contexto internacional

- ◆ Detecção do risco: casos de morte noutras países
- ◆ Avaliação do risco: missões científicas internacionais e estrangeiras
- ◆ Resposta ao risco: condicionamentos impostos pela integração em estruturas supra-nacionais (NATO, UE)

# Gestão política do risco

- ◆ Tomada de decisão: recurso à ciência, medidas paliativas
- ◆ Politização do risco: debates parlamentares, declarações à imprensa, Conselho de Estado
- ◆ Minimização e dramatização: competição entre partidos

# Encerramento político do caso

“António Guterres considera que os militares portugueses que estiveram no Kosovo foram vítimas de uma **campanha demagógica** com o objectivo de os desmoralizar (...) ‘inclusivamente, assistimos a actos de crueldade intolerável na **exploração** de formas humanas de sofrimento e na maneira como se procurou criar inquietação em cada uma das vossas famílias”

(TSF, 18/5/01)

# E no entanto...

- ◆ Comissão Parlamentar de Defesa: algumas cautelas e recomendações
- ◆ Re-politização do risco?



# Controvérsia científica

- ◆ Recurso dos decisores à ciência: missão no terreno, rastreio médico
- ◆ Polémica: Cientistas “oficiais” vs. Cientistas “críticos”
  - dimensão técnica
  - dimensão ética

# Encerramento científico do caso

“ com essas notícias que surgiram de início e com o **desconhecimento** que se utilizavam esses metais como munições, a grande preocupação que houve aqui acho legítima, acho que havendo uma **preocupação** faz todo o sentido procurar-se uma resposta e substituir as interrogações e a especulação por **conhecimento**. (...) não [se] pode permitir que a **especulação** e a **ansiedade** domine o terreno e a cabeça das pessoas e da população.” (entrevista a F. Carvalho)

# Repercussões do caso

- ◆ Projecção nacional e internacional da ciência portuguesa
- ◆ Estudos mais recentes: resultados menos tranquilizadores

# Mediatização do caso

“[o problema foi] a comunicação social pegar nessa situação e transformá-la num problema que agitou e perturbou os portugueses. (...) foi só para **vender** e criar **sensacionalismo**. Não havia fundamento nenhum (...) julgo que a **comunicação social tem muitas culpas.**”

(Martins Barrento, ex-Chefe do Estado-Maior do Exército, Expresso, 31/3/01)

# Papel dos *media*

- ◆ Divulgação do risco
- ◆ Fórum de debate/polémica entre políticos e entre cientistas
- ◆ Dar voz aos afectados
- ◆ *Media* como actores do caso: pressão sobre o sistema político, filtragem das intervenções e notícias

# Esfera pública

- ◆ As vítimas do risco: presumíveis doentes
- ◆ Os expostos ao risco: militares
- ◆ Os afectados pelos risco: famílias
- ◆ Os representantes: associações profissionais

# O público e o risco

- ◆ Comunicação sobre o risco: mediatizada, unívoca
- ◆ Participação na decisão sobre o risco: inexistente

# O que poderia ter sido diferente

- ◆ Comissão científica pluralista
- ◆ Comunicação directa e dialogante com os afectados
- ◆ Monitorização do risco a longo prazo